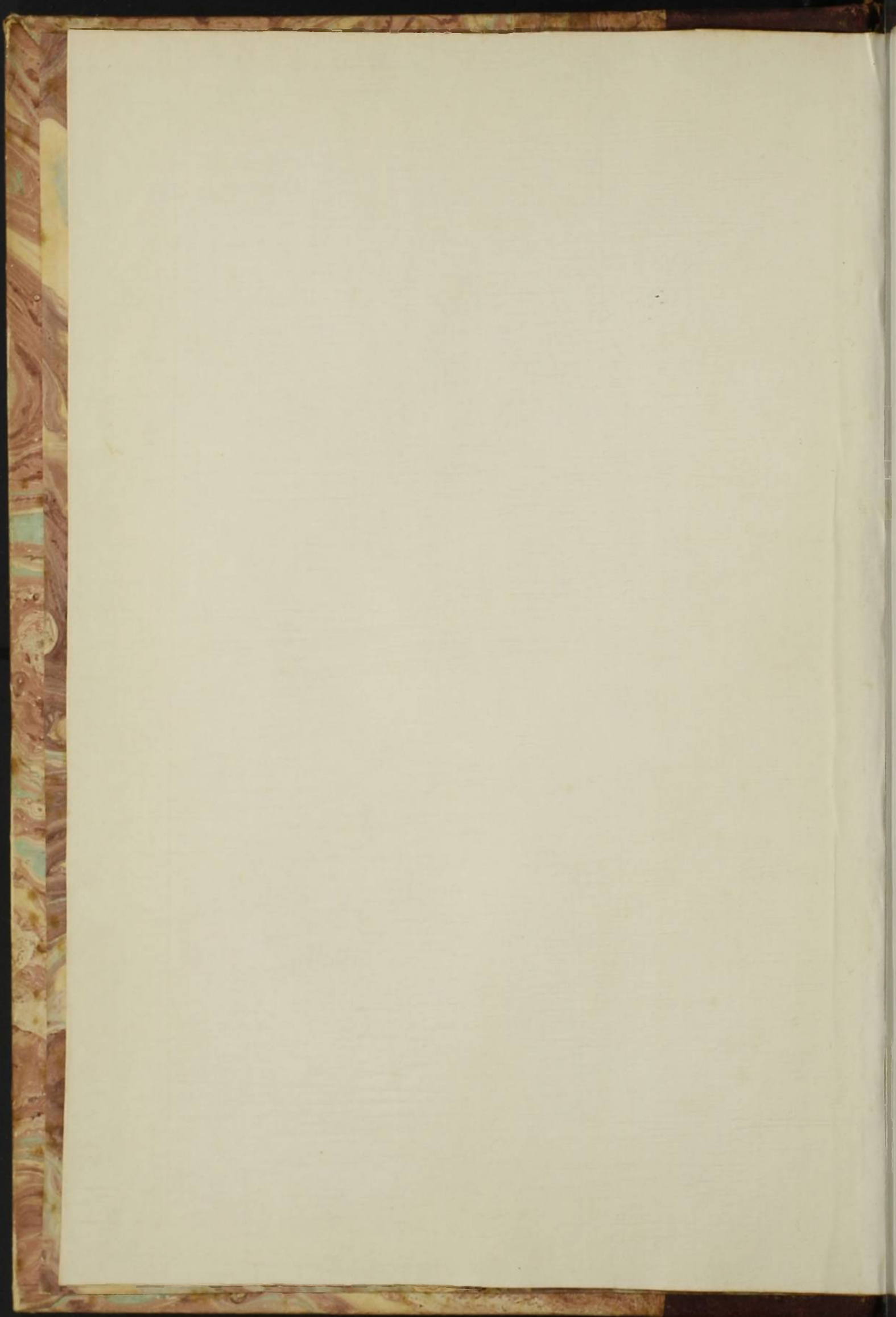


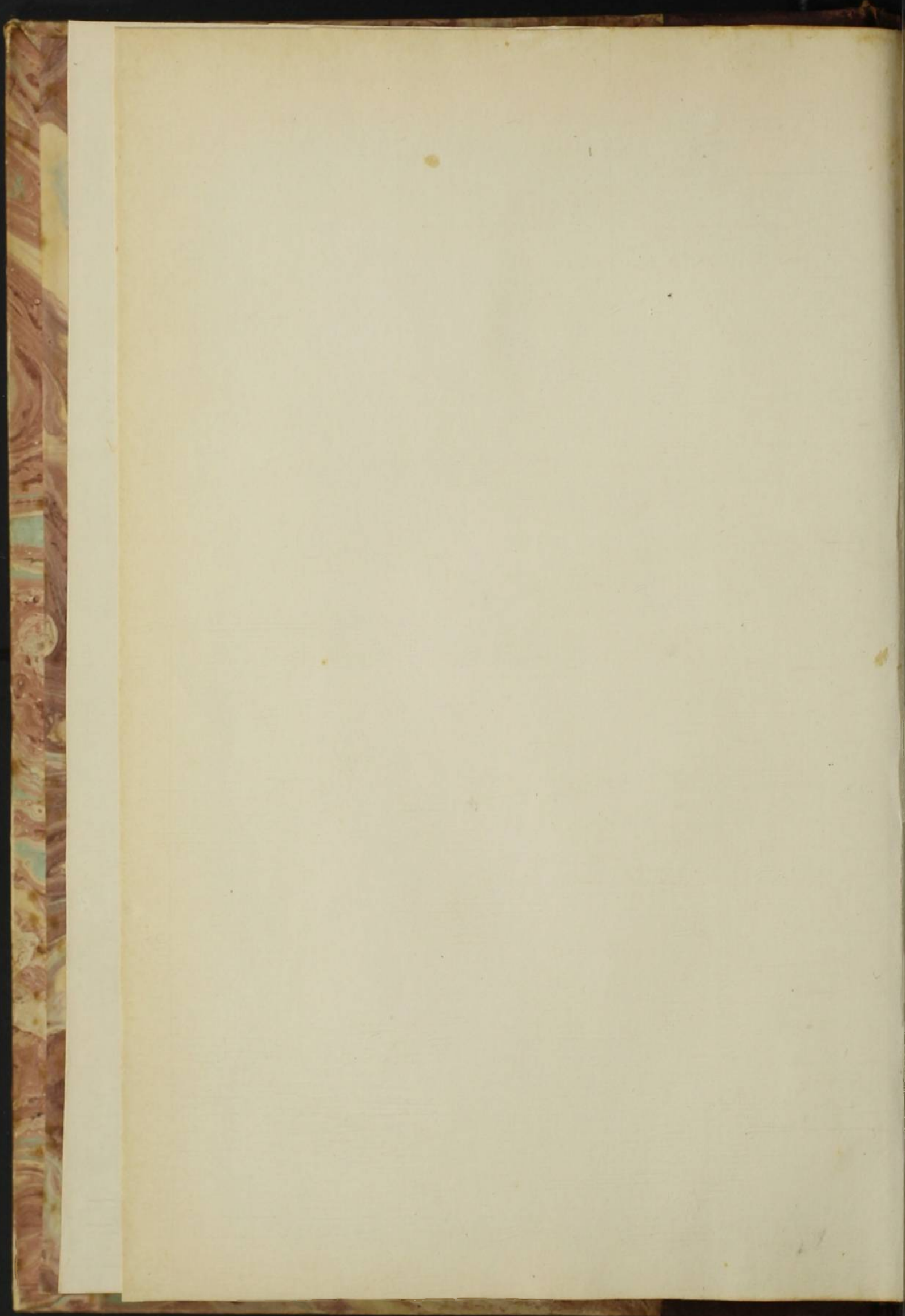
Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







FEIRA LITERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

LAUREADA PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Cada volume contém trabalhos completos e inéditos, firmados por escriptores em evidencia na literatura nacional contemporanea

NOVEMBRO DE 1929
VOLUME XI

P e d r o F e r r a z

AS EXQUISITICES DO DR. FRANÇA
(PERFIL)

B r e n n o P i n h e i r o

O MEU RETRATO DE DORIAN GRAY
(CONTO)

H e r c u l a n o V i e i r a

LYRA CIGANA
(VERSOS DE HONTEM E DE HOJE)

M a r i a L a c e r d a d e M o u r a

O INDIVIDUALISMO NEO-ESTOICO DE HAN RYNER
(ESTUDO)

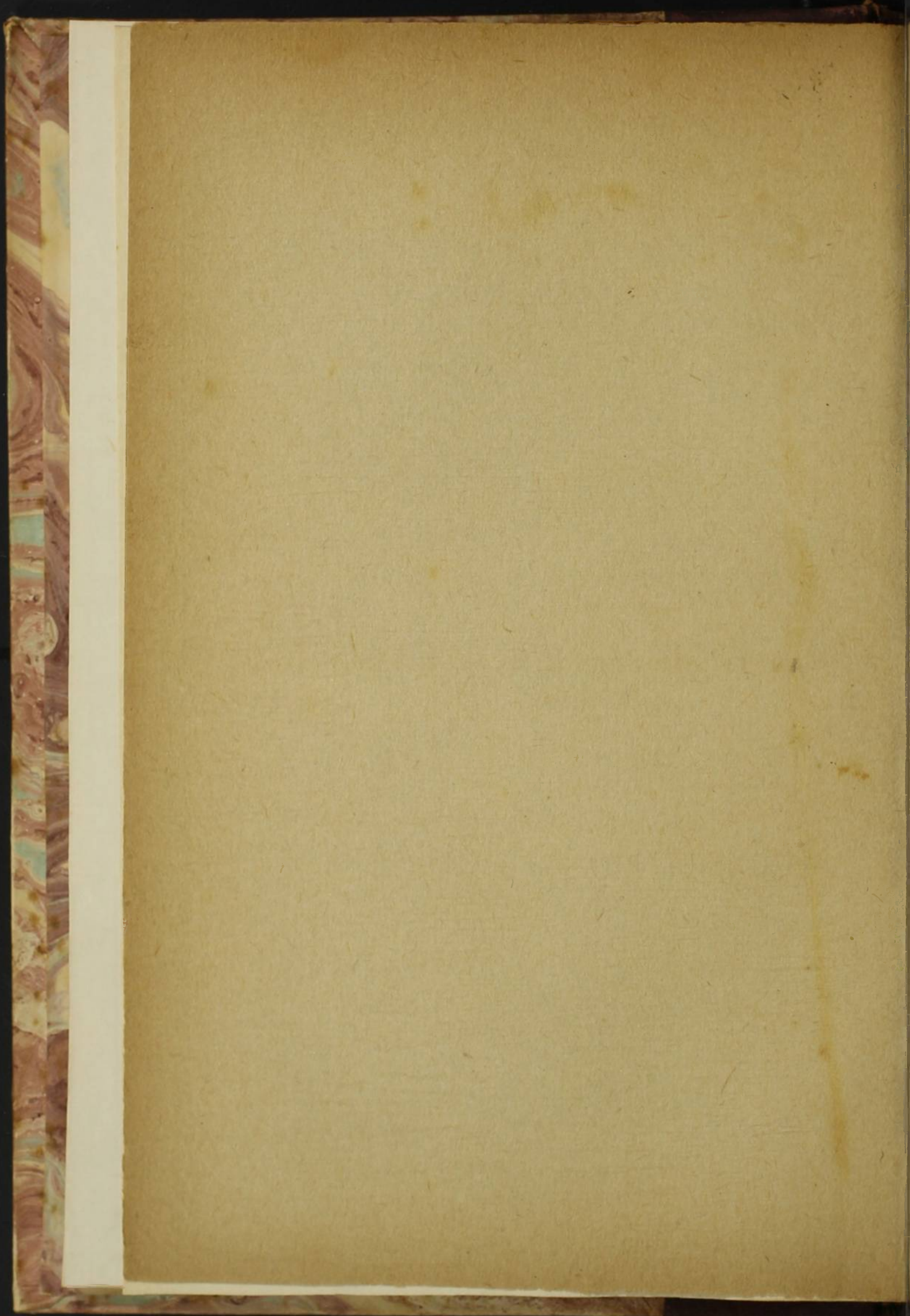
B a n d e i r a d e M e l l o

OS RAIOS "K"
(NOVELLA POLICIAL)

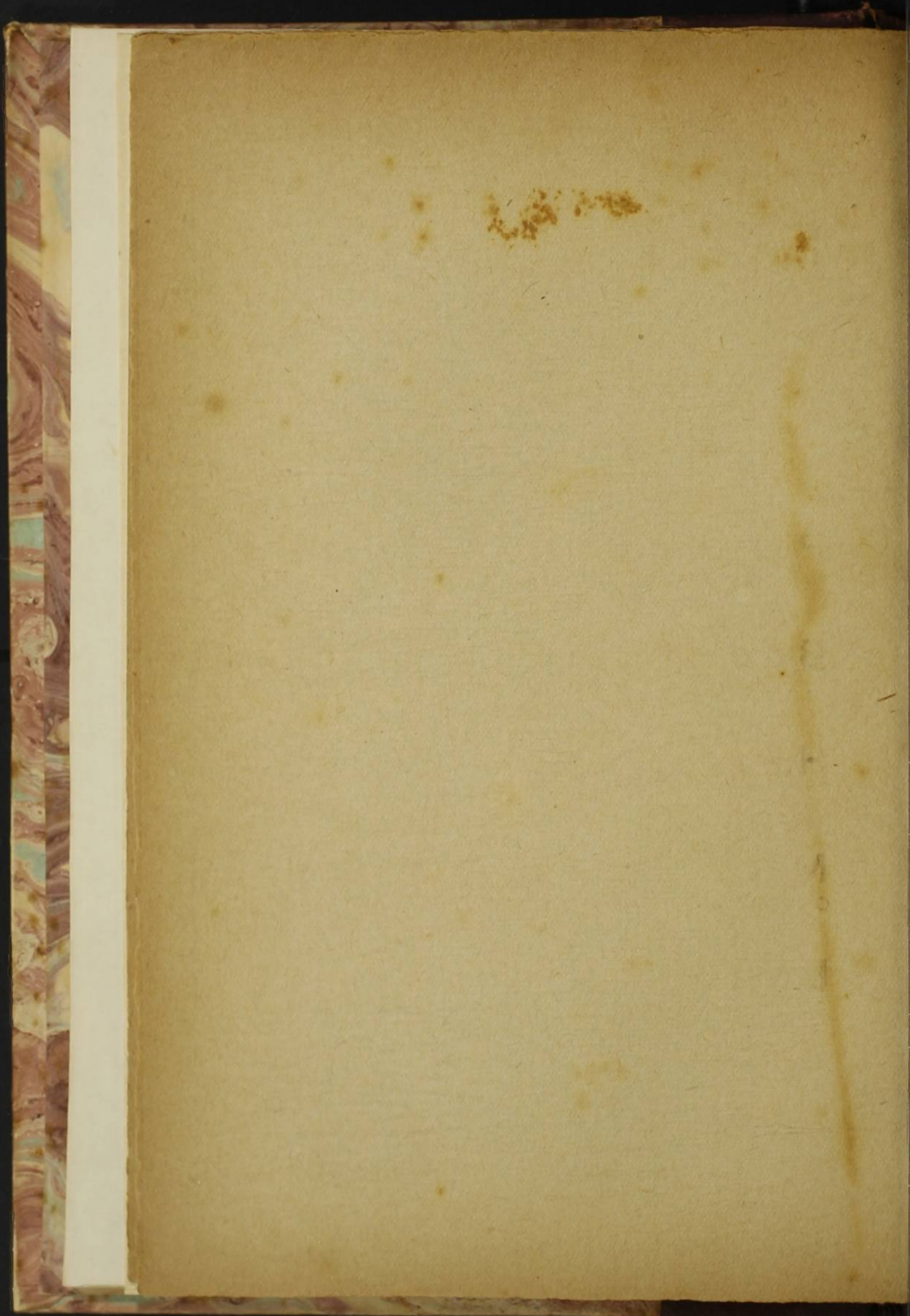
EDIÇÃO DA E. E. "FEIRA LITERARIA"
Director: HERCULANO VIEIRA

S. PAULO

E. U. BRASIL



FEIRA LITERARIA



4100

MARIA LACERDA DE MOURA

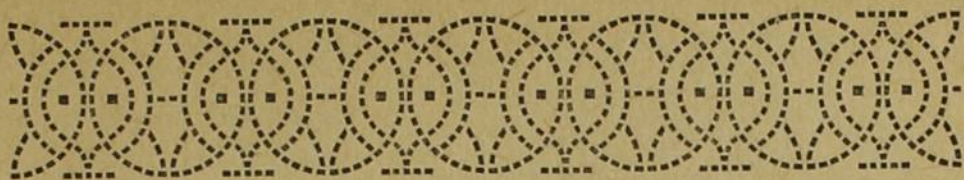
O INDIVIDUALISMO NEO-ESTOICO
DE HAN RYNER

(ESTUDO)

— Conferencia pronunciada na Bibliotheca
"Anatole France", em Buenos Aires, a con-
vite da sua Directoria, e, em Rosario, no
amphitheatro da Escola de Medicina, a convite
do "Centro de Estudantes de Medicina". —

NOTAS RAPIDAS SOBRE A AUTORA:

Nasceu em Manhuassú, Minas, a 16 de maio de 1887. E' professora pela Escola Normal Municipal de Barbacena. Publicou: "*Em torno da Educação*"; "*Renovação*"; "*A fraternidade e a escola*" (conf.); "*A mulher e a maçonaria*" (conf.); "*A mulher hodierna e o seu papel na sociedade e na formação da civilização futura*" (conf.); "*A mulher é uma degenerada*" (tres edições, sendo uma em castelhano); "*Lições de pedagogia*" (1.º volume); "*Religião do Amor e da Belleza*" (duas edições) e "*De Amundsen a Del Prete*". Tem promptas para o prelo e em preparo um grande numero de obras sociológicas, doutrinarias e philosophicas. Foi acclamada ha pouco, por jornaes de Buenos Aires, a maior mentalidade feminina sul-americana. Collabora em innumerous jornaes e revistas daqui e do estrangeiro. Senhora de invejavel cultura, as suas conferencias são concorridissimas, e terminam sempre sob os maiores applausos, graças ao seu talento e á firmeza com que discorre sobre o thema escolhido. Reside em Guararema, logarejo proximo desta Capital, onde, segundo declara, vive apenas em contacto com os livros e com a Natureza.



Por que nada affirma com a absoluta certeza de convicções dos “homens de muita fé e pouca intelligencia”... e porque nada destróe com a obstinação devastadora dos negadores de “espirito fórte” — Han Ryner é o mais completo, o mais harmonioso, o mais claro, o mais philosophico de todos os philosophos até hoje conhecidos no occidente, e, de todos, por certo, o mais largo porque é o mais fluctuante, o mais proximo, talvez, das verdades cosmicas.

Este “Socrates do Seculo XX”, cuja harmonia interior, cuja eurythmia nas proporções fantasticas dos seus sonhos alçados a alturas inconcebiveis, transborda no seu estylo flexivel,

fascinante, no seu pensamento fecundo e transparente, — é sempre uma ascensão através de cada pagina sahida do seu immenso coração de visionario dos cimos illuminados do nosso mundo interior, extravasado do seu genio fulgurante e nobre, da sua sabedoria incomparavel.

E' preciso ser genial como Han Ryner, para esparzir em cada periodo, esse doce encanto envolvente, essa penetração dos que souberam vêr algo de mais profundo e que faz de cada um dos seus livros, um monumento de Arte, de pensar philosophico, de reconstrucção social, de sciencias naturaes, da ethica do sonho, de cultura despretenciosa e formidavel, de individualismo neo-estoico-ryneriano.

Han Ryner é a synthese de tudo de grande que as civilizações conservaram dos seus maiores.

E' a summula da mentalidade de todos os nossos seculos, da altivez de character de todas as epochas, do sonho e do Amôr de todas as mais bellas concepções humanas.

Christo e Epicteto, Socrates, Pythagoras, Epicuro, todas as mais bellas e mais heroicas revelações do que é grande e nobre e santo na alma humana; todas as mais ternas manifestações do Amôr largo, desdobrado até o infinito a que é capaz de attingir o sentimento; as mais altas concepções das verdades inatingiveis; tudo que alarga o horizonte da razão; tudo que liberta

o pensamento e o coração; tudo que tende a despertar as almas numa clareira immensa de ternura para conter as outras almas; tudo que estimula o protesto silencioso mesmo deante da cicuta, da cruz, dos instrumentos de supplicio de todas as Inquições — politicas ou religiosas ou sociaes — desde o martyrio das fogueiras até o martyrio degenerescente das machinas triturantes do corpo e da intelligencia; — tudo, desde o ensinamento maximo de Buddha: “o odio não se mata com o odio, o odio só morre com o Amôr”; até a sabedoria socratica: tudo que sei é que nada sei” — e que constitue a base ondulante, imprecisa, vaga e luminosa do seu sonho metaphysico, até o monumental aphorismo do Templo de Delphos e que o philosopho admiravel enriqueceu portentosamente, indo além de Socrates: “Conhece-te a ti mesmo **para aprenderes a amar**”, — tudo está contido na obra immortal desse sonhador feliz do Amôr e da Belleza, da Sabedoria e da Bondade.

Nunca ninguem subiu tão alto para poder abranger assim o pensamento humano.

Jamais alguem pode resumir, numa synthese tão admiravel, tão profunda, o problema da vida.

E que sublime ironia a desse neo-estoico, destruindo, docemente, as forças mantenedoras desta sociedade que absorve e aniquila a vontade individual e despertando o individuo para a analyse de si proprio, para realizar-se, para

edificar o seu mundo de felicidade por si mesmo — dentro desse chaos de miserias e de baixezas que se chama civilização.

Não tem “le pessimisme lâche de Anatole France”: si o seu pessimismo encara a sociedade como uma energia de effeito retroactivo, cujo resultado, consciente ou inconscientemente, consiste em adormecer o individuo para se deixar explorar, tambem, a sua alta clarividencia sabe que, isolando-se o individuo, reagindo, protestando, ao minimo ou ao maximo, contra a organização social de prejuizos e preconceitos; si o individualismo se isola e se defende pela não-violencia, não pela resignação passiva ou pela covardia sob a capa de circumspecção, porém, pela attitude decisiva de quem se abstem de contribuir para a perpetuação dos crimes e dos erros de lesa-felicidade humana; si o individualista reage, dentro de si mesmo, contra os effeitos do peso secular dos dogmas politicos, religiosos e sociaes; contra os effeitos da “deseducação”, fechando a mente humana num circulo de ferro; contra as diatheses provocadas pela hereditariedade, pela loucura collectiva desse delirio frenetico de progresso material, — por certo conseguirá elle uma nesga de liberdade, de alegria e paz e illusão, e transmite o exemplo vivido e fecundo de sêr nobre e heróe e restructor de um mundo individual, em que se sentirá livre de pensar e querer e agir dentro da infinita amplitude da sua vida inferior.

Han Ryner é o que se pôde denominar uma mentalidade cyclica, dessas que apparecem em determinados momentos historicos e veem illuminar de sonhos, de estímulo e de conforto os que já descreram de tudo, os que não mais esperam senão as revoluções sismicas...

A literatura burguesa domesticada, vendida, defensora das patrias, das fronteiras, dos bandos politicos, dos dogmas, das leis e dos governos, das armas e dos capitalistas, essa literatura a soldo e a prestações — sabe que Han Ryner é o mais perigoso dos demolidores — dentro do paradoxo da não-violencia individualista-estoica.

E' camartello formidavel a sua phrase lapidar, a sua ironia dôce, penetrante, adoravel, mais terrivel que o estopim revolucionario dos que pretendem impôr a justiça á força de barricadas e bayonetas ou bombas e exercitos vermelhos.

Mas, si Han Ryner, em cada ironia subtil, perfurante e acariciadora derruba o edificio dessa sociedade hypocrita e brutal, o philosofo amado e admiravel levanta, nos corações dos que sentem a vastidão da sua sabedoria profunda e deliciosa, edifica na razão dos que conseguem vêr o amplo horizonte das suas maravilhosas concepções — synthese do mais alto monumento dos sonhos de todos os nossos seculos, — levanta, edifica um sonho maior, uma esperança mais alta, porque é a unica a se realizar no meio do chaos em que se contor-

cem e se quebram as energias impacientes dos apóstolos, dos martyres e dos heróes.

Os que supõem construir uma sociedade nova através da ingenuidade do seu sacrificio infecundo, inutil, na defesa dos "sagrados principios" de Liberdade ! Igualdade ! Fraternidade !... na defesa de todas as formulas, de todos os pavilhões esfarrapados e que só serviram e servem e servirão ainda para que os fortes aviltem e escravizem a si mesmos, escravizando e aviltando os fracos, os indefesos, os acovardados; — os impacientes heróes e martyres e apóstolos das fórmulas exteriores e das multidões vorazes, esquecem-se de que as massas humanas, imbecilizadas, servís, acarneiradas, estão sempre dispostas a applaudir e a aceitar o jugo do senhor absoluto, dos Alexandre, embriagados de poder, dos Napoleão epileptico, "Hymalaia de infamias", ou dos paranoicos mussolinescos, ebrios de imperialismo caricatamente á romana, como estão sempre dispostos a crucificar os Christo, dentro do sectarismo estreito do espirito politico e do dogma religioso, a envenenar os Socrates dentro da estreiteza dogmatica do espirito religioso e do sectarismo politico.

* * *

Que cada qual se realize e terá, em si mesmo, o mundo novo que sonha para o advento da fraternidade humana.

O problema da paz universal, da serenidade estoica, da alegria interior, do “amai-vos, uns aos outros” — só pôde ser solucionado no coração e na razão do individualista que se vae realizando, cada dia, em busca da sua verdadeira vida, do “eu” profundo, dos deuses solitarios que passeiam por entre as alamedas dos seus sonhos delicados e fugidios.

Emquanto cada qual procurar defender, aggressivamente, o seu ponto de vista, a sua theoria, a sua these, o seu dogma, a sua bandeira, a sua patria, o seu nome, os seus bens exteriores, a sua cobiça ou a sua vaidade, o poder temporal ou espiritual, a sua justiça, o seu amôr ou a sua verdade, — todos se sentirão feridos, lesados, infelizes e acorrentados uns aos outros, pela gehenna da escravidão social, da ignorancia, da concorrência e das guerras em todos os campos de batalha.

Porque ha verdades até o infinito e cada qual tem em si mesmo a possibilidade de realizar-se, de escalar as suas verdades interiores.

Mas, deixemos falar o Mestre dilecto e amado naquella pagina magistral de “Les Voyages de Psychodore”.

“Uma guerra de Religião”

“Psychodore atravessava uma vasta planicie. Pensava nas doutrinas dos philosophos. Punha de parte a opinião dos cynicos que, sem expli-

car as cousas, limitavam-se a aconselhar a viver em simplicidade e sinceramente.

As outras doutrinas lhe pareciam todas bellas e frageis. Admirava a todos os homens que conseguiram colher seus sonhos em mãos mágicas, impondo-lhes uma forma visivel.

Ia dizendo com amôr:

— O' Demócrito ! O' Heráclito ! O' Parmenides ! O' Platão !

E dizia ainda:

— O' criadores de Belleza !

Mas, o seu pensamento desaprovava os negadores, aquelles que, com um gesto perverso, separam a belleza disposta em ordem pelos outros.

A um delles, dirigia estas censuras:

— O' Zenon, ó brutalidade engenhosa, porque negar o movimento ? Não bastaria affirmar a immobildade ? Parmenides e Heráclito olham, cada qual, um lado da montanha e não tens razão de negar o que vê Heráclito.

O sêr é. Mas, o vir-a-ser tornar-se-á. No todo immovel, cada minuciosidade se agita. Cada apparencia participa do sêr, pois, della o sêr se reveste. Ou antes, o sêr é a somma invariavel das apparencias inconstantes. Protêu é, agora, este fogo; ha bem pouco era esta agua;

em breve será este touro ou este cão. Protêu não é senão o total das fórmulas de Protêu e mais o poder de mudar de fórmula. Protêu sem fórmula, não é mais nada. Cada phenomeno não é o Sêr, é, porém, um pouco de sêr que se colóra e que vive. Desguarnecido de toda côr e de toda vida, o sêr não mais seria.

Dizia ainda:

— Como meu mestre Diogenes teve razão de te refutar sem palavra e de andar adeante de ti que, pelo movimento de tua lingua, negavas o movimento.

Depois, reprovava Aristoteles:

— Ama a tua verdade e a tua amante, o' Aristoteles. Faça que uma e outra concebam e ama os seus filhos. Mas, com que direito bates nos filhos dos outros? Ama Nicomaque e a consequencia de teus principios. Tu te tornas, porém, grosseiro e vulgar quando negas a existencia ou a belleza das amantes ou das doutrinas de outrem. Athénatime é tão bella quanto Pythias ou Herpylis e a verdade de Platão vale bem a tua verdade.

Pensava tambem nos soldados de Xerxes que, pelo facto de adorarem um deus mais vasto e impreciso que os deuses da Grecia, queimaram, na Grecia, a belleza definida dos templos.

E dizia:

— O' Zenon, o' Aristoteles, do mesmo modo que os barbaros, conduzís tochas sacrilegas para os templos edificados por Heráclito e por Platão.

Sereis punidos, entretanto. Odiosos disputadores, de vós nascidos, vos acometterão. Sereis os progenitores de numerosos parricidas”.

* * *

“Emquanto ia assim percorrendo com seu pensamento e com o pensamento dos outros, um grande ruído o exhortou a olhar o mundo exterior.

Viu avançar um numero fantastico de homens, toda uma armada sem armas. Aquelles que marchavam á frente, conduziam, sob pallio magnifico, uma estatua bella como a belleza.

Todos cantavam o louvor da estatua, Psychodore sorriu approvando-os. Em breve, porém, meneou a cabeça com tristeza, porque os canticos proclamavam que nehuma outra estatua era bella.

Ora, do outro lado, muito longe ainda, outros homens chegavam, em numero do mesmo modo consideravel, conduzindo com piedades não menos aggressivas, um marmore de belleza maravilhosa. Quando chegaram tão perto para que Psychodore pudesse comparar as estatuas, elle não sabia verdadeiramente á qual daria o pre-

mio. Amava com o mesmo amôr as duas bellezas. E lhe parecia que a approximação as tornava ainda mais bellas.

As duas armadas sem armas, longamente trocaram propositos hostís. Depois, os que conduziam as esculpturas, marcharam, uns contra os outros, e fizeram abalroar as estatuas, no meio de terriveis clamores. Os marmores se entrechocaram muitas vezes. Os braços foram triturados. Fronte e faces sarjadas, as cabeças sem nariz, ficaram reduzidas a duas fealdades. Os proprios corpos não saíram sem estragos da lucta abominavel.

Os dois exercitos enfim se voltaram as costas.

Cada qual reconduzia, triumphalmente, os despojos informes do que constituiu a alegria dos olhos.

E, dos dois lados, os canticos barbaros proclamavam:

— O' tú, unica Belleza, aformozeada ainda por tua victoria sobre uma fraca rival" !

* * *

E' de magnanimidade assombrosa a sua clarividencia de intuitivo a escalar muito alto para olhar as planicies áridas dos sectarismos e da concorrência absorvente.

Sempre dentro do preceito socratico: “tudo que sei é que nada sei”, nunca afirmando, jamais negando, partidario incondicional da não-violencia physica ou mental, nem mesmo procurando persuadir — o que já é violencia, — livre, absolutamente livre para pensar e dizer e agir, serenamente estoico, Han Ryner espera que cada qual desperte a seu tempo, individualmente, é claro, espera que cada qual se realize, illuminado na integração em si mesmo.

Na sua conferencia genial, “Les Artisans de l’Avenir”, diz o philosopho:

“Nós outros que queremos que um dia a humanidade se nutra do trigo da fraternidade, saibamos que estamos em dezembro e que não se colhe senão em agosto.

“Nós, que queremos, um dia, os homens agrupados no Paraiso fraternal, saibamos que as grandes arvores crescem lentamente e não exigamos, uma vez plantadas, que deem sombra.

“Meus queridos amigos, cada um de nós póde uma cousa, cada um de nós póde produzir em si mesmo um homem tal como sonha os homens futuros.

“Que cada qual realize esse acto, entretanto mediocre na apparencia, é a mais maravilhosa e mais rara das obras primas.

“Que cada um de nós se esculpa e se realize como sonha o homem de mais tarde. E, em

meio das fealdades e das tristezas do presente, formaremos já um bem maravilhoso oasis de bondade e amôr”.

Cada periodo desses relicarios de grandeza ethica que são os seus livros, é a conclusão de toda a obra immortal do Mestre dilecto.

Que cada qual se realize. Mas, para que uma criatura humana consiga realizar-se, é preciso que se conheça.

“Não consigo me conhecer senão com a condição de me realizar; não chegarei a me realizar senão com a condição de me conhecer”.

A primeira lucta interior é para deslindar, do chãos de nós mesmos, o nosso “eu”, de envolta com o que nos inocularam, o que nos enfaixa, o que nos manietta e entrava o desenvolvimento normal. Temos mais alguma cousa de nosso e temos o que fizeram de nós, pela educação sufocante, pela hereditariedade mórbida, pelos prejuisos millenares.

A herança de myriades de ancestraes, os preconceitos esgueirados sorrateiramente na comunidade social, o prejuiso secular da “deseducação” desvirilando o individuo em proveito dos dogmas estatal e religioso, todas as consequentes contradicções interiores, tudo é entrave para que nos encontremos a nós mesmos.

E, assim como a semente, lançada á terra, aprofunda-se no desejo de ir buscar no silencio

e na solidão de si propria a seiva que a deve nutrir e desenvolver até a sua realização — para dar sombra e alimentar, assim, não fosse toda a perversidade imbecil da intervenção de autoritarismo dominador em torno da criatura humana, através de todas as chamadas civilizações, e, certamente, o individuo, no silencio e na solidão de si mesmo, accenderia a lampada maravilhosa de Aladino — para a procura das verdades interiores que palpitam em todos os sonhos altos de Amôr e de Belleza.

Para que cada um de nós se realize, é necessario, antes de mais nada, o desprezo aos bens materiaes, ás necessidades inuteis, ao superfluo, a tudo quanto se divorcia da vida simples, da volta á natureza e da obediencia ás leis cosmicas.

A civilização cada dia complica mais a vida e, nessa concorrência barbara de objectos inuteis, nocivos ás vezes, desnecessarios para a felicidade humana; nesse accumulo de conforto material para cuja obtensão nos esquecemos de nós mesmos para um sacrificio, um esforço inaudito em direcção ao exterior; nesse amontoado de necessidades superfluas, de luxo, de enervamento, do desfibrar da força viril, da iniciativa criadora — cada um de nós é abafado na sua individualidade, é suffocado dentro de si mesmo, é reduzido a uma machina insufficiente por si, dependendo de uma série infinita de pequenas

engrenagens para poder funcionar sempre deficientemente.

E' a morte moral, é o degenerar de todas as nossas faculdades por falta de exercicio, é o aniquilar da energia individual — tudo para a partilha dos leões dessa tremenda gleba industrial e economica.

Tem razão Han Ryner ao tecer um hymno em homenagem á actividade intellectual e ao poder de invenção do homem prehistorico — muito superior a nós outros, "civilizados".

E, á medida que o progresso material cresce, mais nos distanciamos da superioridade inventiva dos homens das cavernas ou das habitações lacustres, cujo instincto de nutrição e defesa produziu a mais admiravel das actividades criadoras individuaes, dos que se bastam a si mesmos na lucta pela subsistencia.

Que prodigio de paciencia, de perseverança na domesticidade dos animaes e na cultura dos primeiros vegetaes nutritivos !

Hoje, toda a actividade da industria, do capitalismo tende a substituir o homem pela machina, tende a inutilizar o cerebro humano, a desvirilizar a vontade criadora, a abafar a razão, o pensamento — nas engrenagens feitas, nas machinas de calculos, na iniciativa realizada, no trabalho mecanico de fazer mover uma alavanca, interminavelmente, pela mesma criatura, nesses

movimentos sempre identicos e monotonos, entorpecedores e somnolentos em que cada operario trabalha os dias inteiros durante uma existencia inteira.

Que mentalidade a do guarda-civil com o "casse-tête" apontado para a direita ou para a esquerda, ás vezes em cima de um animal (nem ao menos lhe deixam o direito de applicar a sua actividade de defesa em uma praça movimentada — poderia ser esmagado), e isso através de annos e annos da sua existencia aniquilada pela imbecilidade de toda gente, nessa organização social de manequins, de idiotas e fantoches e domesticados desse grande Guignol que é a sociedade !...

Que mentalidade a do homem do elevador como a do operario encarregado interminavelmente de collocar um determinado parafuso nas peças do automovel nas colossaes officinas de um Ford !

Todo o grande interesse da nossa civilização industrial é aniquilar o individuo em proveito da mercadoria, do capitalismo.

Nenhum esforço é permittido a não ser o esforço braçal mecanico, sempre o mesmo, delineado antecipadamente, rythmado pela qualidade ou pela quantidade do producto.

A mercadoria tem mais valor que o operario. Suffocado o productor, resta adormecer o consumidor. Inventam-se os adornos, multiplicam-

se os objectos superfluos. As escolas, as universidades, o Estado se encarrega do que ainda falta para edificar a muralha que ha de emparedar o individuo dentro de si mesmo e dentro do quadro geral da mediocracia legalmente constituida.

Essa complicação de cousas enchendo os armazens industriaes e os mostradores dos armarinhos, esse conforto material multiplicado ao infinito do superfluo — faz esquecer o verdadeiro “eu”, a vida cryptopsychica e nos volta para todas as necessidades perfeitamente desnecessarias, e, dessa concurrencia brutal, desse assalto ás posições occupadas, dessa correria de loucos nascem as guerras.

Vivemos artificialmente uma vida que não corresponde de modo algum ás nossas verdadeiras aspirações, ás nossas verdadeiras necessidades que são de ordem puramente subjectiva.

E toda a sciencia, todas as descobertas no mundo objectivo constituem um entrave a mais, contribuindo directamente para que continuemos fechados, adormecidos, emparedados dentro de nós mesmos, desconhecendo ou desprezando as fantasticas possibilidades das nossas energias latentes, dos nossos sentidos psychicos.

Mas, si apenas considerarmos com attenção os mostradores das casas commerciaes, nos espantamos de verificar que quasi todos e, ás vezes, todos os objectos expostos são desneces-

sarios, perfeitamente inúteis, absolutamente dispensáveis, nocivos muitos, e grande parte reservada para fins inconfessáveis, para os vícios ou para a immoralidade da moral social.

E a energia louca das grandes casas de modas, onde centenas de criaturas se esfalfam a vida inteira em torno de rendas e fitas e flores e adornos e plumas e um infinito de quinquilharias absorventes ? !

E cousa para lastimar: alguém já observou que, enquanto se inventam e aperfeiçoam máquinas para complicar a vida e mui principalmente para matar o semelhante, embora o rotulo christão e o “Não matarás”, embora o “Ama ao teu proximo como a ti mesmo”, enquanto se inventam os gazes asphixiantes e os “Raios da Morte”, “tanks” e submarinos e aeroplanos para despejarem a morte, a desolação, o incendio, a destruição sob todos os aspectos, — os instrumentos agricolas estão ainda no periodo rudimentar e são insufficientes e não foram postos ao alcance do unico trabalho que faz multiplicar a vida, daquela occupação sagrada que sustenta todo o edificio social.

E’ o fluxo, a ociosidade, o enervamento, tudo que contribue para a expansão das necessidades do vicio, do sensualismo, dos lazeres parasitarios, dos gosos materiaes, dos requintes perversamente sorrateiros, em conclusão: da degenerescencia do organismo e da mente, no marasmo, na estagnação, no desfibramento do corpo

e das energias adormecidas nas cryptas profundas do "eu".

Tudo é artificial, é fictício, é enervante, desde a concorrência louca no afan de assaltar um lugar no "coche social", até os perfumes artificiaes e aphrodisiacos, os cigarros de opio ou os apperitivos do estomago e dos sentidos: tudo, absolutamente tudo tende a degenerar a especie humana, a desfibra-la inteiramente no organismo e na individualidade.

Dentro dessa engrenagem sórdida, feroz, assassina, burguêsa, capitalista, — denominada civilização — não ha para o individualista senão um meio de defesa: a fuga, a deserção da sociedade, o collocar-se inteiramente isolado contra a corrente, desafiando-a com a sua altivez, a sua nobreza de character, com o desprezo aos preconceitos e ás exigencias do meio social.

Ser livre, absolutamente livre das leis e de todas as superstições politicas, religiosas e sociaes — para sentir a alegria intima de viver, para vibrar em harmonia com as leis naturaes, um sonho mais alevantado.

E são os individualistas, os desertores como Socrates, Christo, Epicteto, Epícuro, Han Ryner que deixam ainda, generosamente, um traço de luz do seu genio fecundo a illuminar as inquietações das almas atormentadas.

E esse evangelista de um Evangelho maior, esse apostolo do Sonho, do Amôr e da Belleza,

symbolo da Bondade, esse grande amoroso cuja sabedoria fascinante empolga, arreбата, emociona, santifica, cujo apostolado todo subjectivo é como uma benção de luz por sobre as nossas duvidas e as nossas amarguras, esse maravilhoso estylista é conhecido apenas pela minoria intellectual dos não domesticados, porque uma campanha de silencio tem sido feita em torno da obra-prima desse genial amoroso cuja voz irradia-se do alto dos seus sonhos de precursor de uma ethica maior e desce até a planicie da nossa pequenez, essa voz primaveril ás vezes, ás vezes fluidica como a propria sabedoria, profunda e ondulante como a vida que agita no seu mundo interior de sabio, de philosopho e de artista, forjador de um Sonho maior — a synthese dos sonhos sonhados por todos os precursores.

Ninguem mais, póde perdoar a Han Ryner o haver culminado a essas alturas incomparaveis, aonde apenas sobem os eleitos do Amôr e da Belleza.

Dentro da concepção luminosa do individualismo neo-estoico, Han Ryner resolve o problema da sua vida, o problema da vida humana. E a conclusão ryneana é scientifica: “Do mesmo modo que, para chegar a resolver o problema da navegação aerea, era preciso consentir no paradoxo do mais pesado que o ar; assim tambem, para resolver o problema da fraternidade, é preciso consentir no paradoxo do desprendimento de seus irmãos, da separação, é preciso

consentir no paradoxo do individualismo". (Les artisans de l'Avenir).

E está com Christo (mytho solar?) naquella passagem admiravel dos Evangelhos Christãos:

— "Eis ahi tua mãe e teus irmãos que pedem para te falar".

Mas Christo respondeu:

— "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos"? — E espalmando as mãos para o lado dos discipulos, disse: — "Eis aqui minha mãe e eis aqui os meus irmãos".

"Aquelle que ama a justiça e a misericordia como eu amo a justiça e a misericordia, este é meu irmão; e tem o mesmo Pae que eu; e nosso Pae vive em nosso coração e vive nos céus". — (Le Cinqüieme Evangile).

E' a condemnação da familia e da sociedade que procuram entrar os movimentos, a acção, os pensamentos e os sonhos individuaes — para rebaixar o genio, o individuo ao nivel da mentalidade collectiva.

E' a negação dos laços do sangue e da carne — para exaltar a affinidade espiritual, a "affinidade electiva" do sentimento e da idéa.

Nada cresce, ninguem se realiza senão no silencio de si mesmo.

A familia e a sociedade vivem em guerra aberta de competição e mandonismo contra a

liberdade individual: é entrave ao desabrochar das nossas energias interiores.

Han Ryner está com Epicteto, com Socrates, com todos os verdadeiros individualistas cuja deserção da sociedade constituiu o mais bello legado de toda a civilização mental.

E a mentalidade dos intellectuaes a serviço do Estado, das Academias, dos dogmas e das conveniencias de occasião, intellectuaes vendidos ao capital e á gloria ephemera dos ministerios e dos salões — lhe não póde perdoar a energia persistente de demolidor que sabe empunhar contra todos os prejuisos a mais perigosa das armas — a não-violencia-individualista-estoica; não lhe perdôa a ironia elegantemente seductora e formidavel do estylo, a propriedade das expressões, a conclusão de aço em espiral com que envolve os sophismas mantenedores das mentiras seculares, e, principalmente, não lhe perdôa a altivez, o desassombro com que investe, docemente, contra a deslealdade, o cabotinismo literario, o pharisaismo moralitheista e a mediocridade dos nullos e dos vulgares covardes ou academicos.

Nunca lhe perdoarão o crime de ser genial e profundamente humano as sociedades dos proxenetas do pensamento, dos castens da literatura, dos piratas patriotas ou das "bas-bleu" dos salões "chics", idiotamente mundanos, onde se cultiva a imbecilidade, o servilismo e a cretinice.

* * *

Mas, ouçamos uma pagina de Han Ryner e completemos a maravilhosa parabola anterior com outra parabola cynica:

“A Geometria em contenda”

— “O’ Psychodore ! — exclamou Excylo, — jamais dirás senão sonhos...

— Si eu pudesse dizer bastantes sonhos, talvez dissesse tudo o que chamas realidade.

— O’ contador de sonhos ! — perguntou Théomano com amargura, — que injustiça te permite, pois, censurar meus pensamentos, denominando-os sonhos ?

— Nunca censuro um pensamento por ter asas e por ser um sonho. Eu o reprovo muitas vezes, pelo facto de ignorar que, em torno d'elle, outros sonhos vivem e voam. Quando acreditas que a linha que desenha um objecto sobre um muro ou a sombra que o projecta sobre o sólo é o proprio objecto, então eu te censuro. Censuro-te, principalmente, si tu affirmas que as dimensões e a direcção da sombra não variam de modo nenhum.

Mas, ouvi antes uma parabola :

Na minha mocidade, em um dia de verão, passei por Mégara. Deu-me prazer saudar o ve-

lho Euclides, discipulo de Socrates e o maior dos geometras.

Euclides tinha saído, porém seus escravos me affirmaram que voltaria em breve.

Esperei-o, pois, no pateo, onde o ar era mais agradável que nos aposentos.

Mais ou menos no meio do pateo, um grande blóco de marmore esperava um busto de Socrates, promettido a Euclides por um esculptor de entre os seus amigos.

Ora, eu olhava fixamente esse marmore e em breve meus ouvidos acreditaram ouvir ruidos saídos da pedra, tal como contam da estatua de Memmon. Esses ruidos, a principio indistinctos, foram, a pouco e pouco tomando no meu espirito um sentido perturbador.

E percebi que a Linha, a Superficie e o Blóco altercavam, porque a Superficie acabava de cantar, insolentemente, os seus proprios louvores. Mas, o Blóco, com uma expressão pesada, impuzera-lhe silencio.

— Cala-te, — dizia, — o' pobreza, o' nada de espessura, o' Nada !

A Superficie replicou:

— Si eu desaparecesse e si nenhuma de minhas irmãs consentisse em me substituir, tu serias, pobre Blóco, um nevoeiro que o Sol dis-

persa. A ti é que convem o silencio, tu que não és senão o concurso e o total de minhas irmãs.

A Linha irritou-se por sua vez:

— Estou fatigada de tuas jactancias, o' Superficie ! Si eu desaparecesse e si nenhuma de minhas irmãs consentisse em me substituir, eu te pergunto, o' orgulhosa, que restaria de ti?

— O' pobreza insolente ! — exclamou a Superficie, — o' nada de largura, o' Nada !

O Blóco affirmou, com o accento esmagador das certezas:

— Vós sois os sonhos de Euclides. Eu, porém, eu sou, eu existo.

Ambas replicaram:

— Não és senão um conjuncto daquillo que a tua ingratição ousa chamar sonhos.

Quando Euclides chegou, eu escutava sempre. Agora, Socrates, não esculpido ainda, e que subiria áquelle pedestal, me fallava. Sua voz era longinqua e fluctuante, vinda do paiz daquillo que existirá, talvez. Comtudo, eu o ouvia.

— O' meu filho, — dizia, — as linhas e superficies são pensamentos e sonhos do homem. Mas, o blóco é um "rendez-vous" de linhas e de superficies. A luz do Sol illumina algumas dellas. A luz de teu espirito pode illuminar successivamente myriades de outras.

Mesmo si a isso se obstinasse durante toda a eternidade, jamais ella exgotaria o numero das linhas que se agitam na mais insignificante superficie, as superficies que, no mais pequenino volume, se cruzam e se penetram.

A voz longinqua e amiga, numa leve ironia gracejadora, continuava:

— Acredita-me, Psychodore, o que tu chamas realidade é, como o blóco por ti observado, uma encruzilhada de pensamentos e de sonhos. Não affirmes nunca um dos pensamentos ou um dos sonhos como a realidade total.

Não affirmes, não menos, a realidade como sendo distincta do conjuncto de sonhos.

Excyclo perguntou:

— Repetiste a Euclides os diversos discursos que acabavas de ouvir?

— Tive bem cuidado em não faze-lo, — respondeu Psychodore sorrindo.

Euclides, geometra admiravel, era um pobre philosopho; gostava de discutir, de demonstrar, de refutar em vez de se aprazer em pensar.

Algumas vezes assemelhava-se ao asno obstinado que não quer, de modo algum, passar para o outro lado da montanha; e a certeza ensurdecadora de seus gritos nega o que recusa ir vêr”.

* * *

Que portentosa riqueza de conceitos nesta parábola admirável e que immensidade de horizontes !

Não afirmar o que nos é inatingível no nosso estado de evolução, o que impressiona levemente a sensibilidade fugidiva da nossa intuição maravilhosa, o que o supra-consciente vê, através de relâmpagos indecisos e rápidos, mas, também, não negar os sonhos imponderáveis que perpassam através do super-consciente dos visionários das alturas incommensuráveis do infinito além.

Nem afirmar, nem negar: escalar sonhos sobre sonhos para a subida cyclopica aos cimos ondulantes, vagos, indecisos das verdades cósmicas, através dos nossos sentidos latentes, das faculdades adormecidas nas cryptas interiores.

Essa é a verdadeira philosophia.

Esse é o caminho dos que buscam as verdades eternas e fluctuantes, dos que procuram a chave dos "segredos abertos", vistos de quasi ninguém...

* * *

Mas, passemos ao aspecto máximo do problema humano, sob o ponto de vista da organização social.

A civilização do dollar vaee morrer de apoplexia.

Que numero insignificante de vozes para se insurgir contra a prepotencia das mediocracias organizadas em Estados e armadas permanentes !

Que podem essas vozes vibrantes, porém abafadas pelas sereias estridentes das fabricas e teares ou pelo roncar surdo, impressionante, monotono das chaminés industriaes, pelos ruidos provocadores, pela ostentação metallica dos cofres fortes do capitalismo assassino, cuja maxima se resume naquella expressão celebre: "Depois de mim, o diluvio" ?

Que podem essas vozes promettedoras, fascinantes, cheias de Amôr e de Ternura, carinhosas, envolventes, si o progresso scientifico está todo canalizado para os campos de batalha, para o destroçar dos corpos e das energias humanas, nas formulas rijas do patriotismo — miragem com que os tigres e chacaes seduzem as massas ignavas, os rebanhos sociaes para o matadouro feroz das trincheiras, movidos exclusivamente pela ambição tôrpe de governar ou de accumular ?

Que puderam as pouquissimas vozes generosas e pacificas contra a loucura collectiva da 1914 a 1918 ?

E que de horrores, que de fantasticos horrores os dessa danza infernal sem precedentes na historia da civilização !

E que perspectiva sangrenta divisamos ao longe através da sciencia applicada á mecanica guerreira !

Que mais esperar dos dirigentes, dos patriotas sanguinarios, dessa perversidade legalizada que se chama Estado ?

E todas as nações se armam, cada vez mais, até os dentes, numa concorrência louca, desculpando-se com os ataques de defesa nas proximas guerras, no meio da encenação, da hypocrisia parlamentar das Sociedades das Nações convocadas pelos Governos, os defensores perpetuos dos interesses do povo, na fabula de Ménenius Agrippa...

E toda gente continúa acediando piamente na acção desse ou daquelle partido politico regenerador, nos parlamentares de palavras magicas e convincentes ou nos Pacheco governamentaes, em o fetichismo das leis e vae como um rebanho ás urnas ou parte em defesa do Moloch da patria dos histriões politicos, além de viver uma existencia inteira de espinha recurvada e chapéu na mão — para todos os nobres representantes do povo, nas embaixadas e nas camaras governamentaes.

Colyseu ridiculo em que os sacrificados ao prazer bestial dos donos e senhores, repetem sempre sorridentes, idiotamente sorridentes, deliciosamente imbecilizados, a expressiva formula

de todas as civilizações de senhores e escravos: "Os que vão morrer te saúdam"...

* * *

Os jornaes europeus e os politicos e estadistas do velho mundo discutiram, acaloradamente, a necessidade de ensinar ás populações civis o uso das mascaras contra os gazes asphixiantes e a possibilidade de collocarem essas mascaras ao alcance de todas as populações das cidades e mesmo do campo, cada individuo usando-a como um objecto absolutamente indispensavel á sua "toilette" mais simples de todos os dias.

Discussão inutil, porquanto quasi todas as 1.000 especies de gazes asphixiantes ou toxicos lacrymogenios, etc., até hoje descobertos para as proximas guerras, quasi todas puzeram as mascaras fóra de combate. Nada mais resiste á acção dos gazes.

Os "sabios" a serviço da perversidade organizada legalmente (é phenomenal o prestigio da lei!), e a serviço do Estado defensor da causa do povo (é assombroso o prestigio das palavras retumbantes!), resolvem nos laboratorios, as proximas guerras chemicas.

Dahi a conclusão logica: a paz não é senão um meio de preparo mais solido, mais efficaz para a guerra, para a crueldade organizada sadicamente dentro da lei.

E é fantastico o imaginarmos que ainda ha quem marche para o serviço militar ou para a guerra com a convicção de estar cumprindo um dever !

E toda actividade, intellectual, economica, industrial, governista, religiosa, patriotica, social, todas as embaixadas, as escolas, todos os arsenaes, as fabricas, os laboratorios, toda a imprensa, tudo, absolutamente tudo, dentro desta civilização de concorrência, caminha para a guerra de competição, para a lucta armada.

A civilização é a guerra. O progresso material não é senão um immenso matadouro, quer em tempo de guerra ou de revoluções, nos campos de batalha ou atrás das barricadas, na devastação pela fome e pela peste, trincheiras, aviões ou torpedos e submarinos, quer em tempo de paz, nas fabricas, nas minas, na degenerencia organica e mental de todo o genero humano — submettido a uma selecção que dá em resultado o aniquilamento total da humanidade, a mediocracia organizada facilmente através do fetichismo das leis, a dictadura, as tyrannias mussolinianas, as diatheses nervosas e o delirio de poder que produz os consules e os primeiros ministros embriagados de dominismo e que dão a luz ao servilismo e á cretinice das multidões.

Vejamos o que diz Han Ryner, em agosto de 1926, em um manifesto á população de Paris:
“Sciencia sem consciencia não é senão a ruina

da alma”, — escreveu Rabelais. Mas, a sciencia progrediu e, si a consciencia não se desperta no homem, a sciencia não arruinará somente a alma.

Si o homem permanece assaz vil para deixar fazer os governos e para obedecer áquelles que teem muito pouca consciencia para terem a pretensão de chefes; si o homem continúa sendo o ser disciplinado que se deixa conduzir como rebanhos e como exercitos, é a propria humanidade que, graças á sciencia, fará “hará-kiri”.

E, em “National Zeitung”, de Bále, Han Ryner, esse grande amoroso da paz, da não-violencia, do fraternismo de Christo, do estoicismo de Socrates, de Epicteto, fala das proximas guerras, descrevendo o suicidio da humanidade, cujos meios estão sendo macabramente analysados nos laboratorios chimicos dos taes scientistas á serviço das formulas religiosas de visceras e patrias e bandeiras.

E’ um quadro empolgante no qual o sociologo tem a voz tragica dos prophetas annunciadores de formidaveis movimentos cyclicos e a serenidade estoica dos que olham, de cima, a fatalidade social:

“A guerra acaba de ser declarada brusca-mente.

Nenhuma dificuldade urgente, insolúvel parecia torna-la imminente. Ao contrario, as ultimas noticias eram, antes, tranquilizadoras.

A condemnação á morte, da Europa, não é conhecida do Governo senão ha 5 minutos.

A imprensa ainda não sabe de cousa alguma, nem o publico tão pouco.

As ruas estão repletas de uma multidão ansiosa, excitada, porém inteiramente ignorante do que se passava.

De repente um odor de violeta, muito leve a principio, depois insupportavel, invade as ruas e as praças. Já o ar não é respiravel.

Quem não consegue fugir a tempo — e bem poucos o conseguem — torna-se cego rapidamente, perde o conhecimento, deixa-se cair redondamente, suffocado.

O céu está perfeitamente sereno, azul, sem nuvens.

Nenhum avião á vista.

Entretanto, a quatro ou cinco mil metros acima do sólo, fóra do alcance da vista e do ouvido, uma esquadilha evoluciona, sem piloto, sob a acção de ondas hertzianas e deixa fluir sobre o sólo a sua carga de gaz lacrymogenio (o gaz mais "humano"), ou de lewisite, menos agradavel já, ou mesmo de bichlorureto de étyle sulfureo, o gaz mostarda, rei dos venenos.

Começou a guerra dos gazes. A acção do gaz mostarda, "dernier cri" da technica moderna, não poderia nunca ser descripta em termos excessivamente atrozes.

Das dezeseite especies de gazes utilizados até aqui, com successo, é, de ha muito, a mais perfeita.

E' a propria morte.

Nenhuma mascara protege contra ella. Corróe as carnes. Quando uma região foi saturada pelo gaz, cada passo, cada trinco de porta, cada faca a ser fabricada, durante meses, estão impregnados do veneno mortal.

Os alimentos não podem mais ser consumidos. A agua está envenenada. Toda a vida se acha anniquilada.

Ainda duas ou tres guerras utilizando taes processos e ninguem ficará para dizer: "Eu não quiz isso".

* * *

E' absolutamente desnecessario accrescentar qualquer commentario á justa previsão de Han Ryner.

E estamos em frente ao dilemma: applaudir incondicionalmente o industrialismo moderno e a sociedade legalmente organizada que tendem a affogar o individuo em proveito da mercadoria e dos cofres fortes e sermos fatalmente es-

magados com a civilização capitalista na luta de competições, cuja culminancia se verifica nas guerras, ou, a deserção, a fuga dessa sociedade — para o protesto consciente, a não-violencia-neo-estoica, a attitude decisiva de quem não quer pactuar com a loucura collectiva da vulgaridade organizada e legal, não se prestando, de modo algum, a servir, a ser cúmplice dessa organização de malfeteiros, de fantoches, de salteadores, negando-se terminantemente a matar o semelhante, a alistar-se nas fileiras armadas para defender os interesses inconfessaveis dos chacaes e das hyenas que se nutrem nos campos de batalha.

Dentro do principio individualista da não-violencia-neo-estoica, guerra á guerra, guerra ao patriotismo, guerra ás bandeiras e aos partidos sectarios, guerra aos dogmas oppressores da razão e do sonho, guerra ao Estado organizado, guerra ás leis pequeninas dos homens — para o respeito ás leis naturaes, ás leis cosmicas, ás leis da evolução individual.

“Não matarás!” — é o preceito evangelico. E’ a attitude de Han Ryner, dentro da delicadeza do seu sonho fugidío, vaporoso, distante como o horizonte, dentro do seu sorriso dôce, carinhoso e illuminado, através do seu amplo ideal de fraternidade, apostolo pagão do culto á Liberdade, ao Amôr e á Belleza.

* * *

Para terminar, vejamos ainda uma pagina extraordinariamente significativa desse grande amoroso:

“Os laboriosos”

“Eram muitos homens. Andavam direitos por sobre os seus pés e falavam uma linguagem articulada. Sua fórmula, porém, espantou a Psychodore. A primeira singularidade precisa que impressionou o seu olhar, foi a multidão de seus braços e de suas mãos. Fez esforços para os contar. Mas, esses membros numerosos, uns vigorosos e longos, outros curtos e delgados, eram muito irregularmente distribuídos pela cabeça, pelo busto, pelas pernas. Outros, ainda menores, os cobriam como os galhos, os rami-nhos e as folhas cobrem as ramagens.

E todos esses braços eram um povo em trabalho. Algumas vezes um delles tombava prostrado, era obrigado a se detêr em um repouso tão afadigado...

Quasi imediatamente um sobresalto de novo o movia pela necessidade. Apressava-se, cansado e envergonhado como um escravo preguiçoso surprehendido por um senhor implacavel.

Nesse paiz, não havia noite. Continuo era o trabalho dos braços franzinos ou possantes. Nenhuma doçura de somno, nenhuma paz no silencio das trévas. Sobre a agitação infinitamente multipla de cada corpo, a immobibilidade de um Sol, sempre a mesma adustão perpendicular.

Nem casas, nem vestuário. Contra as mordeduras causticantes do Sol, nenhuma outra protecção além de algumas arvores. Esses homens, por vezes, disputavam-se a sombra em breves combates. Necessidades inexoráveis e urgentes separavam logo os adversários: ambos fugiam.

Fructos silvestres, glandes amargas, animais de captura difícil, por entre as múltiplas preocupações de cada espírito — a nutrição era rara.

Quando dois desses homens encontravam o mesmo alimento, a luta durava mais tempo que para reivindicar a sombra, um minuto mais, talvez. Depois, um dos combatentes, pelo menos, caía morto.

Muitas vezes, os dois adversários cobriam o sólo com duas breves agonias, gesticulando desordenada e loucamente.

Alguns, contudo, se levantavam e se afastavam enfraquecidos, por entre um labor dos braços, mais rápido que nunca.

Ora, sem dúvida, nenhum delles parecia succumbir aos golpes impotentes do inimigo. Mas, sem dúvida, haviam esquecido, no ardor da luta, alguma necessidade vital, do mesmo modo que homens vulgares, batendo-se muitos dias e muitas noites sem tomar alimento e sem repousar.

Sob a incessante agitação das mil mãos, adivinhava-se que os corpos apresentavam outras sin-

gularidades. Nada se podia distinguir de preciso: as mãos irrequietas cobriam a nudez desses homens, como a agitação de mil farrapos a cada instantes levantados, a cada segundo caídos novamente.

Psychodore procurou interrogar os laboriosos. Não dispunham de tempo para conversar. Gritavam dolorosos ou colericos a preocupação que os atanzava de mil lados:

— Eu, — ullulavam elles, — eu, minhas myriades de “eu” !

Comtudo, o philosopho conheceu todas as bizarras de seu corpo, porque estudou alguns dos cadaveres que elles deixavam com indifferença apodrecer sob a immobildade do Sol.

A maior parte dos órgãos occultos em nós, nelle era visivel. Os pulmões, como seios grotescos, eram sobre o peito. O coração, o figado, o estomago, os intestinos, rins, ignobilmente nus, eram suspensos ás vertebraes, como quartos de carne em arpéos de magarefes.

Nervos, veias e arterias, como cordas sujas reuniam todos esses horrores.

Psychodore comprehendeu o trabalho prodigiosamente horrivel ao qual eram condemnadas as mãos, o trabalho medonho que sacudia e dilacerava o pensamento em razão dessas mil necessidades simultaneas. As mãos, a uma ordem do pensamento inquieto, do mesmo modo que

são comprimidas esponjas pesadas de agua suja, deviam espremer os pulmões entumecidos de ar impuro. Depois, dilatavam ellas as esponjas vivas, expandindo-as na pureza festiva do ar.

E logo era preciso expulsar esse ar novamente viciado.

Quantas necessidades, em todas as partes do corpo, arrastavam as mãos e o espirito em taes circulos inexoraveis !

Algumas das mãos, recebendo ordens inquietas do pensamento, deveriam abarcar a inercia elastica do coração para fazer correr o sangue purificado para as arterias, para fazer subir aos pulmões o sangue impuro que o ar lavaria.

Tambem era necessario, mediante mil pressões fracas, sobre as arterias immoveis, fazer correr em todo o corpo o sangue nutritivo; por mil pressões sobre as veias preguiçosas, reconduzir ao coração o sangue pesado e privado de suas virtudes. Enetretanto, outras mãos, as mãos grandes, procuravam, sob a direcção dos olhos sempre perscrutadores, incansaveis e aterrorizados a nutrição incerta.

Quando os dentes a pilavam, pequenas mãos a conduziam ao longo do tubo digestivo, trituravam-na no estomago, apertavam o figado, comprimiam diversas glandulas para verter sobre os alimentos os liquidos que os tornam assimilaveis.

A cada instante, o espirito, occupado com tantas cousas, esquecia algumas dellas. Uma dôr vaga murmurava um appello, e, si o appello não era ouvido immediatamente, ella gritava a necessidade, depois urrava até a morte.

O espirito se apressava em dar as suas ordens; as mãos voavam para alliviar. Por vezes, os gritos da dôr vinham de pontos diversos. O espirito era um general que vê a sua armada enfraquecer de todos os lados e não sabe mais o uso que deve fazer de sua reserva. Um momento de perturbação, de hesitação, uma das dez ordens urgentes dada alguns segundos mais tarde, e o corpo não seria mais que um cadaver.

* * *

Psychodore afastou-se de um espectaculo penoso até o desespero de coração. Lastimava os Laboriosos.

Felicitava a si mesmo: todas as necessidades a que eram elles condemnados, executavam-se nelle sem a sua intervenção ou eram inuteis ao seu corpo.

— Sou feliz, — dizia, — que meus pulmões saibam respirar sem que eu me preocupe com elles. Sou feliz, que meu sangue seja immovel ou corra tão expontaneamente que eu possa considera-lo immovel. Sou feliz porque meu coração faz por si mesmo os movimentos necessa-

rios. Sou feliz pelo facto de ignorar o labor de meu estomago e o trabalho de meu figado e a actividade de todos os meus orgãos.

Sorrindo desdenhosamente, elle se lembrava de um sophista enriquecido e que ia por toda parte dizendo: — “Multiplicae vossas necessidades, para multiplicardes os vossos prazeres”.

O desgraçado inventára, para si, mil necessidades artificiaes e tinha, para servi-las, mãos innumeraveis de escravos. Seu espirito, porém, tristemente engenhoso como um pobre, movia, com difficuldade, para saciar um pouco de materia que era o seu corpo, tanta materia incoherente. Dava a seus membros, a alegria lenta da ociosidade, a alegria curta do prazer. Mas, sua alma era o mais tyrannisado dos escravos, o mais acabrunhado de necessidades loucas.

Aliás, as almas, da maior parte dos homens, pareciam a Psychodore, taes como os corpos deploraveis dos Laboriosos. Tambem ellas eram feitas de mil perturbações, torturadas por mil necessidades e mil tarefas, dispersas em mil mãozinhas febricitantes. Mas, a alma de Socrates ou a alma de Diogenes erguia-se harmoniosa como o lazer de uma bella estatua, como o pensamento sereno de Athenéa ou como o sorriso facilmente triumphal de Aphrodite”. — (“Les Voyages de Psychodore”).

* * *

A parábola dos Laboriosos é bem o symbolo da actividade material da civilização da industria e do capitalismo.

Todos se acotovelam pelas ruas e praças movimentadas, todos se abalroam pelos bonds, pelos cafés, pelos theatros, pela Bolsa, todos se entrechocam nas repartições publicas e nos jogos esportivos, cada qual procura esmagar, triturar, comprimir, tomar de assalto as posições já occupadas — para “vencêr na vida” !

“Vencer na vida” é uma expressão elastica, das consciencias elasticas e que significa para os emparedados, para os superficiaes — alcançar honras, riquezas, posição social, poder, autoridades.

Mas, não nos esqueçamos de Epicteto: “Para julgar si um homem é livre, não olhemos para as suas dignidades; porque, ao contrario, mais está elevado, mais é escravo”.

“Vencer na vida” é precisamente o inverso do que imagina essa superficialidade emparedada dos que reinam idiotamente nos salões “chics” ou nas Academias, pontificando vulgaridades, dogmatizando tolices, assumindo attitudes de simios grotescos.

“Vencer na vida” é integrar-se em si mesmo, é encaminhar-se para a sua realização.

E que felicidade maior cresceu com as myriades de objectos de luxo e de conforto ou

commodidades com as quaes envolvemos a nossa vida diaria de complicações absorventes ?

E, á medida que a illusão dessa pseudo-felicidade se esvae num carregado nimbus de desconsolo, mais a actividade louca das nossas mil mãos procura apegar-se furiosamente, agarrar-se, atemorizada, febril, a cousas e a preocupações incapazes de nos dar o que só pôde vir de nós mesmos, do profundo silencio, do mergulho ás nossas cryptas interiores.

E é esse esmagar social, essa ansiedade louca de vencer pisando a quem quer que seja, esse delirio fascinante de grandeza material, essa demencia collectiva embriagada do desejo de goso e ociosidade parasitaria e viciosa, esse enervamento de excesso de actividade inutil, esse triturar de todas as nossas energias criadoras, esse escachoar da megalomania dos paranoicos, dos degenerados e ambiciosos, das torpezas e iniquidades, — é isso a causa das guerras allucinantes num tropél crescente e fabuloso de crueldades inimaginaveis — para o suicidio collectivo da humanidade.

Esse é o resultado dessa correria desenfreada. E Han Ryner, sereno, estoico, grande como os maiores, do alto do seu genio de asas abertas, pairando como uma benção de luz, olha, contristado, amorosamente, o desfilar dessa loucura infrene de todo o genero humano — em busca da felicidade no mundo exterior, quando a felicidade está tão perto de cada um de nós !

E no gesto delicado e generoso do semeador, espalma as mãos e illumina um sorriso dôce de bondade e deixa fluir nos corações, uma palavra seductora, um gesto de carinho, um beijo amoroso a acariciar a todas as almas, buscando despertar-las para a verdadeira vida, para o conforto dadivoso de espalhar um pouco de si mesmo na escalada infinita dessa espiral fantastica da evolução espiritual, subjectiva, em que ha lugar para toda gente, em que não pôde haver concorrência, em que ninguim galga um passo á custa de se oppôr a que outros tambem o escalem.

E, como no alto mytho solar do Christo — que é o Christo interior, — como os superhomens da “vontade de harmonia” — Socrates, Epicteto, Pythagoras, Epicuro, — Han Ryner esparge, ao léo, o exemplo grandemente estoico, edificante, da sua vida incorruptivel e a palavra magica do seu verbo criador de energias — para o despertar interior de quem tiver olhos para vêr e ouvidos para entender...

E todos os seus poemas e evangelhos libertadores, illuminados pelo “sorriso da duvida e a musica dos sonhos”, cantam, maravilhosos, a sabedoria profunda do Templo de Delphos:

— “Conhece-te a ti mesmo, para aprenderes a amar”.

